Desafios diante a violência obstétrica na óptica dos profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa

Challenges in the face of obstetric violence from the perspective of nursing professionals: an integrative review

Franciely Carneiro Galdino de Azevedo[1]
Letícia Malaquias Cabral da Silva[2]
Anne Milane Formiga Bezerra[3]
Giovani Amado Rivera [4]
Joama Lucena Silva[4]

RESUMO: A violência obstétrica consiste em atos praticados por profissionais de saúde de forma desrespeitosa, com ações e intervenções desnecessárias e/ou indicação clínica, direcionada a parturiente e ao recém-nascido. Sabe-se que mundialmente, milhares de mulheres sofrem de algum tipo de violência tanto no parto quanto no pós-parto. Prestar assistência em meio a esse tipo de situação, para o profissional de enfermagem que atua de forma humana e holística é considerada um dos maiores desafios a ser enfrentado, principalmente realizar ações que visem a garantia de seu direito e protagonismo durante o parto. O proposto no estudo foi descrever os desafios vivenciados por enfermeiros no atendimento à mulher vítima de violência obstétrica. Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, utilizando estratégias de busca nas bases de dados: LILACS, BVS e SCIELO, através da leitura e análise dos artigos listrados e publicados no período 2018 a 2021. A amostra deste estudo foi constituída por 08 artigos. Entre os resultados, analisou-se que muitas vezes os profissionais que atendem as mulheres, colaboram com essa prática em diferentes âmbitos e praticam por ser considerado algo normal e comum no seu meio laboral. No entanto, muitos enfermeiros não compreendem que as vezes um pequeno gesto ou atitude considerada inofensiva por muitos profissionais, é configurada uma forma de violência obstétrica, a exemplo de comentários, descriminação racial e socioeconômica. Conclui-se que a violência é compreendida a partir de atos de violência verbal e física, que desrespeitam à autonomia da mulher, sendo realizada a partir de intervenções desnecessárias, que repercutiram na vida da mulher e, são perpetuadas por profissionais que deveriam ser seus principais cuidadores e combatê-las.
Palavras-chaves: Enfermagem. Violência Obstétrica. Parto.

ABSTRACT : Obstetric violence consists of acts practiced by health professionals in a disrespectful manner, with unnecessary actions and interventions and/or clinical indication, directed at the parturient woman and the newborn. It is known that worldwide, thousands of women suffer from some type of violence both during childbirth and in the postpartum period. Providing assistance in the midst of this type of situation, for the nursing professional who acts in a humane and holistic way, is considered one of the greatest challenges to be faced, especially to carry out actions aimed at guaranteeing their right and protagonism during childbirth. The present study aimed to describe the challenges experienced by nurses in caring for women who are victims of obstetric violence. The research is an integrative literature review based on bibliographic research, using search strategies in the databases: LILACS, BVS and SCIELO, 08 articles were selected that had affinity with the research objectives. All articles were in Portuguese and published between the years 2018 to 2021. It was analyzed that professionals who assist women often collaborate with this practice in different areas and do it because it is considered something normal and common in their work environment. However, many nurses do not understand that sometimes a small gesture or attitude considered harmless by many professionals is a form of obstetric violence, such as comments, racial and socioeconomic discrimination. It is concluded that violence is understood from acts of verbal and physical violence, which disrespect the autonomy of women, being carried out from

[1] Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Enfermagem pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Paraíba, Brasil.

[1] Concluinte em Enfermagem pelo Centro Universitário de Patos, Paraíba, Brasil. E-mail: Fg31109@gmail.com
[2]Concluinte em Enfermagem pelo Centro Universitário de Patos, Paraíba, Brasil. E-mail: malaquiasleticia906@gmail.com
3 Enfermeira. Doutoranda em Ciências da Saúde pela FCMSCSP. Docente e Orientadora do Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Paraíba, Brasil. E-mail: annemilane_pb@hotmail.com
[4] Psicólogo. Doutor de Ciências em Saúde pela Santa Casa. Mestre em psicologia UFPB. Docente do Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Paraíba, Brasil. E-mail: giovani.amado@gmail.com
[5] Enfermeira. Especialista em Saúde da Família com ênfase na Linha de Cuidado. Docente do Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Paraíba, Brasil. E-mail: joamalucena2@hotmail.com

unnecessary interventions, which have repercussions on women's lives and are perpetuated by professionals who should be their main caregivers and fight them.
Keywords: Nursing. Obstetric Violence. Childbirth.

INTRODUÇÃO

A violência obstétrica é um considerado um ato de desrespeito a autonomia da mulher, ao seu corpo e aos seus processos reprodutivos, podendo ser manifestada por meio de violência verbal, física ou sexual, bem como pela introdução de procedimentos desumano, desnecessários e/ou sem evidências científicas. Assim, ela pode estar presente no atendimento à mulher que está no pré- parto, parto e pós-parto. Prestar assistência em meio a esse tipo de situação, para o profissional de enfermagem que atua de forma humana e holística é considerada um dos maiores desafios a ser enfrentado, principalmente quando este visa garantir a parturiente que ela não faça mais parte das estatísticas de agressões e maus tratos obstétricos (ABREU; QUINTILIO, 2022).

Embora, o termo violência obstétrica seja relativamente recente, esse tipo de prática é corriqueiro no âmbito hospitalar por séculos, e a nível mundial. Estima-se que uma a cada quatro mulheres sofrem de algum tipo de violência, isto é, aproximadamente 25% destas. A Organização Mundial de Saúde (OMS), considera esse tipo de atitude por parte dos profissionais de saúde, desrespeitosa desumana e negligente, dado que, o protagonismo da mulher deve ser respeitado, e o seu parto deve ocorrer o mais natural possível e de forma humanizada por parte das equipes que atendem essa parturiente. No entanto, tais ações é vista como uma violação aos direitos humanos que necessita ser sanada (MEDEIROS; NASCIMENTO, 2022).

Ao analisar o contexto da violência obstétrica, verifica-se uma predominância de intervenções e procedimentos excessivos desnecessários, além da negligência e maus tratos a parturiente e o recém-nascido por parte dos profissionais de saúde, principalmente o enfermeiro, cujo contato assistencial começa no início do pré-natal e se estende após o parto. Por essa razão, o Ministério da Saúde (MS), pensando em mudar essa realidade, trouxe como estratégia a implantação da Rede Cegonha, que tem como finalidade a prestação do atendimento humanizado as gestantes, a fim de reduzir a mortalidade materna e neonatal, e ao mesmo tempo garantir o direito ao planejamento reprodutivo, atenção humanizada ao parto e questões associadas ao abortamento e puerpério (MOURA et al., 2018).

Mediante esse contexto de violência obstétrica, as ações assistenciais de enfermagem devem ser promovidas visando a redução da prática de violência no campo obstétrico, dado que a sua atuação estar diretamente ligada as fases clínicas do processo de pré- parto, parto e puerpério, tanto vaginal quanto cesariano, buscando promover às mulheres e aos seus familiares o cuidado integral e humanizada. É necessário, além de compreender os direitos das mulheres nesse momento único, observar seu quadro clínico, e acima de tudo colocar seu bem estar e o da criança como prioridade, incentivar o estudo de seus direitos e aprender a respeitá-los (LEAL et al., 2018).

Por meio de experiências já vividas pelos os profissionais da enfermagem no seu âmbito profissional, a principal função desse projeto é de contribuir para a qualificação de informação e orientação diante o tema, assim, como uma obrigação moral do habilitado para com a gestantes. Frente a esta pesquisa surgiu-se o seguinte questionamento: Quais os desafios vivenciados por profissionais de enfermeiros frente a ocorrência de violência obstétrica?

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de investigar os desafios e a ótica dos profissionais de enfermagem, diante da violência sofrida por mulheres no âmbito obstétrico, uma vez que, estes profissionais devem compactuarem com a humanização do parto, e, portanto, contribuírem para a redução dessa prática que violam seus direitos e sua liberdade no planejamento do parto, constrangendo as parturientes, a partir de atos desnecessários. O proposto no estudo foi descrever os desafios vivenciados por enfermeiros no atendimento à mulher vítima de violência obstétrica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de revisão de literatura integrativa, de cunho descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa. Este tipo de método de pesquisa tem como finalidade viabilizar a avaliação crítica e síntese associada ao estado de conhecimento direcionado a determinado assunto, sendo uma parte primordial do processo investigativo, fornecendo contribuições para a melhoria da assistência à saúde (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2019).

Para a elaboração de uma revisão integrativa foram consideradas seis etapas:1. Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa. 2. Estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de estudos ou busca na literatura. 3. Categorização dos estudos e definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados. 4. Avaliação dos

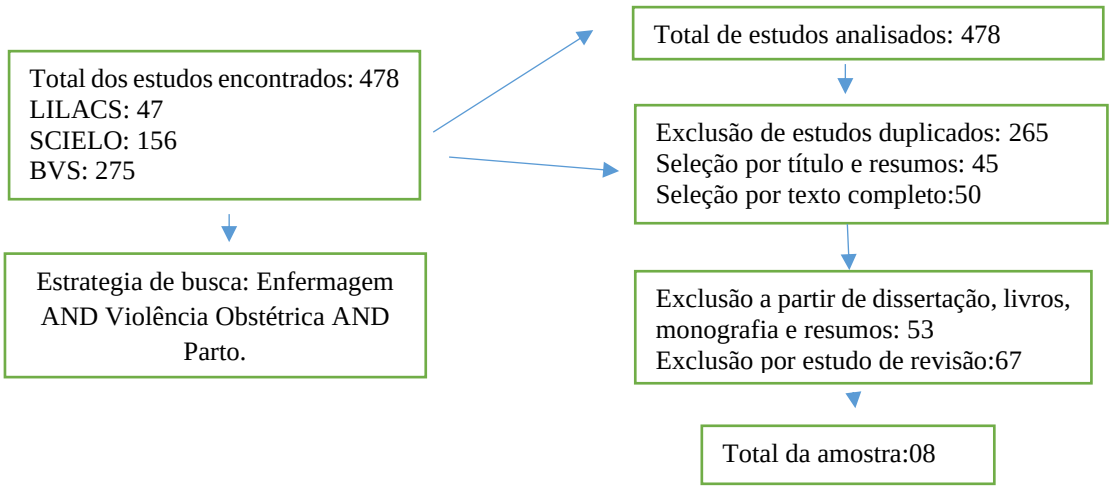
estudos incluídos na revisão integrativa. 5. Interpretação dos resultados. 6. Apresentação a revisão/síntese do conhecimento (ESCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014).

Este estudo de revisão foi elaborado através da busca e seleção de obras e artigos científicos em base de dados informatizadas gratuitamente, sendo elas: Literatura latino-americana em Ciências de Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Como critério de inclusão, utilizaram-se os seguintes descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Enfermagem. Violência Obstétrica. Parto. Nesta direção foram levados em consideração artigos originais sobre a temática em questão, publicados nos últimos cinco anos, artigos nacionais na íntegra e publicados em língua portuguesa. Nos critérios de exclusão: foram artigos incompletos, fora do período estipulado, duplicados nas bases de dados eletrônicos supracitado e em língua estrangeira.

Com a combinação dos Descritores supracitados e o uso do booleano AND entre eles para delimitar a pesquisa, os dados foram coletados, em consonância com as informações retiradas dos artigos científicos, periódicos, teses que tragam soluções para a temática abordada e que respondam aos objetivos propostos, no mês de março de 2023. A amostra foi composta por 08 artigos, publicados entre os anos de 2018 a 2021.

Na análise dos dados ocorreu a partir da literatura minuciosa, na íntegra e da realização de resumos dos artigos selecionados de todas as produções obtidas, sobre a temática em questão, tendo como finalidade atingir o refinamento científico necessário para a criação do artigo. Após o levantamento das publicações, 48 artigos foram selecionados inicialmente e os resumos, lidos e analisados. Depois dessa análise inicial, foram selecionados 08 após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão.

Figura 1-Fluxograma das etapas metodológicas da pesquisa, 2023 a seguir:



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

RESULTADOS

No Quadro (1) foi feita a relação entre os artigos selecionados para esta pesquisa, com isso, verificou-se que as práticas cotidianas dos profissionais de enfermagem nos serviços de saúde, perpetuam algumas medidas de prevenção da violência contra a mulher nos âmbitos assistenciais.

Quadro 1- Categorização dos estudos utilizados para realização da revisão integrativa.

N	AUTOR(ES)/ ANO DE PUBLICAÇÃO	TEMÁTICA	MÉTODO	BESES DE DADOS	CONCLUSÕES
01	Costa et al., 2020.	O pré-natal como estratégia de prevenção a violência obstétrica.	Estudo de relato de experiência, com abordagem qualitativa.	SCIELO	Verificou-se a falta de preparo profissional, conhecimento por parte dos mesmos sobre a real atitudes que conduzem a violência obstétrica. Além de orientar o acompanhante sobre as formas de ocorrência da violência obstétrica e a importância da sua presença em toda gestação, repassando o sentimento de segurança à mãe, tornando a gestação um processo humanizado e acolhedor.
02	Leal et al., 2018.	Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica	Estudo exploratório, com abordagem qualitativa.	LILACS	revelou as percepções das enfermeiras vislumbrando a necessidade de estratégias preventivas à ocorrência do fenômeno da violência obstétrica.
03	Menezes et al., 2020.	O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições.	Estudo descritivo e exploratório de abordagem qualitativa.	SCIELO	O estudo aponta que as residentes Enfermagem Obstétrica reconhecem a prática da violência obstétrica no processo de formação e suas repercussões para a mulher e, ainda, evidencia a necessidade premente de investimento institucional em espaços que promovam discussões sobre a violência obstétrica.
04	Miranda et al., 2019.	Violência obstétrica: percepções de enfermeiros obstétricos em uma .maternidade	Estudo descritivo, exploratório de abordagem qualitativa.	LILACS	É necessário a percepção da violência obstétrica e o reconhecimento da violência obstétrica por parte dos enfermeiros obstétricos na sua prática profissional, pois uma das iniciativas relacionadas a humanização da assistência

		de Minas Gerais.			obstétrica é o novo modelo de assistência ao parto e nascimento que fundamenta-se na atenção prestada por este profissional.
05	Oliveira et al., 2019.	Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes.	Estudo descritivo, transversal, com abordagem qualitativa.	BVS	A humanização da assistência ainda se configura como um grande desafio para os profissionais de enfermagem, às instituições de saúde e para a sociedade. Quando se tem humanização nos serviços de saúde, têm-se os direitos das pacientes respeitados, resgatando o papel de protagonista da sua vida e do seu parto.
06	Oliveira, Elias e Oliveira, 2020.	Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem.	Estudo qualitativo, com abordagem fenomenológica heideggeriana.	BVS	Evidenciou-se a necessidade de um fortalecimento da consulta de pré-natal proporcionada pelo enfermeiro, abordando temas diversos e reflexivos, e ofertando uma saúde integral de qualidade, curativa e preventiva.
07	Trajano e Barreto, 2021.	Violência obstétrica na visão de profissionais de saúde: a questão de gênero como definidora da assistência ao parto.	Pesquisa exploratória com abordagem qualitativa.	SCIELO	Verificou-se abuso físico, psicológico e verbal e a limitação da posição ao parir são as formas de violência obstétrica comumente identificadas pelos profissionais, e que estão enraizadas em questões de gênero, pois são ações que fazem a mulher não ter controle sobre seu próprio corpo e se torne subordinada, sendo convertida em objeto de intervenção profissional devido a sua condição de inferioridade perpetrada em nossa sociedade.
08	Silva e Aguiar, 2020.	Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica.	Estudo de caráter descritivo-exploratório com abordagem qualitativa.	BVS	Verificou-se falta de compreensão por parte dos enfermeiros da atenção primária à saúde acerca da violência obstétrica é frágil, sendo sua abordagem realizada de forma incipiente. Ademais, identificou-se ainda que existe despreparo dos profissionais sobre o assunto.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

Ao analisar os resultados selecionados no Quadro (1), em sua maioria, estão localizados na base de dados SCIELO e BVS, o ano de maior publicação foi 2020, e os achados mais repetidos foram relatos acerca da temática, bem como informa o

conhecimento incipiente dos profissionais de enfermagem acerca do assunto, além da participação nos atos em alguns âmbitos assistenciais.

No Quadro (2) estão apresentados os tipos de violências sofridas pela gestante no âmbito assistencial, e as descrições de forma suscita de relatos sobre a parturiente que inferem seus direitos humanos assistenciais, expressando a desigualdade e opressões em relação ao gênero, entre profissionais e usuárias do serviço de saúde.

Quadro 2-Classificação da violência obstétrica.

TIPOS DE VIOLÊNCIA	DESCRIÇÃO
Violência obstétrica na gestação	-Negar atendimento à mulher ou impor dificuldades ao atendimento pré-natal; -Ofensas a mulher e sua família, além de comentários por sua cor, raça, etnia, idade, escolaridade, religião ou crenças, condição socioeconômica, etc.
Violência obstétrica no parto	-Recusa de admissão em hospital ou maternidade, impedindo a entrada do acompanhante escolhido pela mulher; -Procedimentos que incidam sobre o corpo da mulher, que interfiram, causem dor ou dano físico de grau leve a intenso; -Cesariana sem indicação clínica e sem consentimento; -Impedir ou retardar o contato do bebê com a mãe logo após o parto, ou dificultar o aleitamento materno.
Violência obstétrica no abortamento	-Negativa ou demora no atendimento à mulher em situação de abortamento; -Questionamento à mulher quanto à causa do abortamento; -Realização de procedimentos invasivos sem explicação e consentimento, frequentemente sem anestesia; -Ameaças, acusação e culpabilização da mulher.

Fonte: Silva et al. (2023).

Analisa-se que muitas vezes os profissionais que atendem as mulheres, colaboram com essa prática em diferentes âmbitos e praticam por ser considerado algo normal e comum no seu meio laboral. No entanto, muitos enfermeiros não compreendem que as vezes um pequeno gesto ou atitude considerada inofensiva por muitos profissionais, é configurada uma forma de violência obstétrica, a exemplo de comentários, descriminação racial e socioeconômica, como descrita no Quadro (2).

DISCUSSÕES

O profissional de enfermagem que presta atendimento de forma humana e holística, torna-se um dos grandes desafios prestar assistência à mulher vítima de

violência obstétrica, uma vez que, a assistência no âmbito hospitalar é realizada de forma conjunta, e nem todos que estão presente no âmbito laboral estão aptos a prestar atendimento humanizado, respeitando as vontades e direitos da parturiente ao seu protagonismo (BORBA et al., 2022).

A atuação do enfermeiro frente a prevenção da violência obstétrica é de suma importância, por conta de ser uma categoria de profissionais que mantem um elo assistencial contínuo e em diferentes cenários assistenciais. Dessa forma, os enfermeiros mantem um contato proximal com a parturiente, podendo este introduzir medidas preventivas que auxilie a mesma no que for necessário, de forma humana e holística, seguindo critérios cautelosos para que consiga colocar seu serviço à disposição da mulher e criança, sempre buscando preservar o respeito e dignidade tão necessário a esse momento único. Cabe ressaltar que a mulher precisa saber seus direitos e também acerca dos conceitos mais amplos que abrangem a violência obstétrica (DIAS et al., 2022).

Nos estudos de Costa et al. (2020) verificou-se que o conhecimento compartilhado durante a consulta do pré-natal é suma importância no período gravídico, parto e pós-parto. Destaca-se a necessidade da gestante ser acolhida, escutada e disponibilizada segurança por parte do enfermeiro, orientando as mesmas sobre o processo fisiológico que demanda o parto, bem como ao reconhecimento de condutas inadequadas realizadas por profissionais durante o pré- parto, parto e pós-parto, causando sofrimento, dor e angustia. A violência obstétrica pode fazer parte do contexto assistencial de muitos enfermeiros que atuam em Maternidade e Hospitais de referência, porém, combatê-la, ainda é considerada um dos grandes desafios que precisam ser consolidadas.

Em relação a percepção da violência obstétrica, nos estudos de Leão et al. (2018) realizado em um Centro Obstétrico/ Pré- Parto, Parto e Pós-Parto (CO/PPP) de um Hospital de referência materno infantil da cidade do Belém-PA, realizada com 19 enfermeiras, quando questionadas sobre a violência obstétrica, as mesmas apresentam desconhecem as intervenções como práticas violentas, e quando há reconhecimento de tais procedimentos como uma prática danosa, a justificativa elencada é referida como uma assistência prestada de forma necessária no intuito de acelerar o parto. No que diz respeito a parturiente, as mulheres que receberam orientações durante o pré-natal, reconhece o ato de violência obstétrica.

Cabe ressaltar que a violência obstétrica engloba sofrimento físico, psicológico e sexual, sendo que o ultimo soma-se a atitudes que dizem respeito ao corpo e ao direito reprodutivo da mulher. Dessa forma, sua ocorrência é atribuída a um grupo

historicamente vulnerável, sendo eles relacionados a mulheres com baixo nível de escolaridade, negras, indígenas, isto é, aquelas que não possui meios para exigirem seus direitos humanos/sexuais. Observa-se que entre os tipos referidos por grande parte das mulheres submetidas diariamente nos serviços de saúde são violência verbal, negligência de atendimento de saúde, violência psicológica e violência física (OLIVEIRA; ELIAS; OLIVEIRA, 2020).

Nos estudos de Menezes et al. (2020) realizado com residentes em Enfermagem Obstétrica de uma instituição filantrópica, em uma maternidade de referência do município de Belo Horizonte- MG, entre as práticas correlatadas entre os entrevistados, que as atitudes do profissionais que atendem as parturientes são representada por discursos ríspidos, tratamento impaciente, ameaças de abandonar a mulher sozinha durante a assistência por uma suposta não cooperação da mulher, caracterizando violência de cunho verbal. Tais ações correlatadas são características concebida em grande parte dos serviços de saúde (Hospitais e Maternidades), e profanada por parte dos profissionais em atitudes e ações como a informada. Sabe-se que um dos maiores responsáveis pelos atos de violência estão os médicos, seguidos por enfermeiros obstetras.

Indo ao encontro, nos estudos de Rodrigues et al. (2023) analisou-se através da revisão literária, que a violência obstétrica é idealizada em muitos âmbitos assistenciais em frases de efeitos ofensivos, em que o desejo da parturiente não é realizado, e não relacionadas com outras atitudes que também não sejam configuradas como violência obstétrica na dinâmica do parto, entre as quais estão a utilização de fármacos desnecessários para intervenções não comprovadas cientificamente. Nessa direção, a experiência de dificuldade das mulheres em reconhecer tais atitudes, é uma questão complexa e que sofre influência de múltiplos fatores, assemelhando às situações de violência doméstica.

Em um estudo realizado em uma maternidade filantrópica de Belo Horizonte-MG, Miranda et al. (2019) analisou que a violência apresenta inúmeras faces e tem ganhado há muito tempo visibilidade, ocorrendo no âmbito de maternidades públicas e privadas, além de ser cometidas por aqueles que deveriam ser seus principais cuidadores e combatê-las. A compreensão ampliada dos profissionais sobre a violência obstétrica é apontada por estes como violência verbal e física, como também desrespeito à autonomia da mulher, intervenções desnecessárias, além de identificarem as repercussões na mulher exposta à violência.

Quanto as vivências e experiências referidas pelas parturientes, Oliveira et al. (2019) em um estudo qualitativo realizado na Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de Juazeiro do Norte-CE, analisou entre as mulheres experiências negativas, traumáticas e desapontamento, deixando claro entre seus discursos que as mesmas sentiram medo, insegurança e ficaram de fato assustadas em estar naquele ambiente. No entanto, as mesmas não conseguiam identificar que aquela situação se tratava de violência obstétrica, e muitos menos que foram vítimas desse ato. Evidencia-se que essa relação de violência pode afetar diretamente o vínculo afetivo entre o binômio mãe-bebê.

Com a institucionalização do parto, ocorre a modificação no cuidado assistencial a parturiente, principalmente porque a mulher perdeu seu papel de sujeito no nascimento, passando a ser um processo público, que necessita ser resgatado a partir do parto humanizado. Assim, a parturiente precisa ser acompanhada por profissionais qualificados, para que ocorra a redução das intercorrências durante o parto. É preciso que o profissional oferte métodos não farmacológicos que promova uma assistência mais humanizada possível. O enfermeiro nessa condição deve estar preparado para acolher e orientar a gestante durante o pré-natal, que atos como esse pode ocorrer e deve não ser consentidos pela gestante e nem pelos seus acompanhantes ou familiares (KAPPAUN; COSTA, 2020).

Em relação a violência obstétrica está enraizada em questões de gênero, nos estudos de Trajano e Barreto (2021) realizado em um Hospital Público, localizado em Belém- PA, verificou-se entre os discursos dos profissionais que atuam nesse cenário, a violência é manifestada e realizada a partir do uso de episotomia, manobra de Kristeller e avaliação invasiva (toque vaginal), sem o devido consentimento da paciente, o que acreditamos que as mesmas permitem por não compreender que se trata de atos de violência obstétrica. Um cenário não muito distante da realidade brasileira de maternidades e unidade de atendimento a que são direcionadas a parturiente.

Colaborando com os achados anteriores, Silva e Aguiar (2020) analisou o mesmo cenário de violência rotineira, vivenciada em diversos âmbitos de referência para atendimento a parturiente, falta de despreparo dos profissionais sobre o assunto para que haja uma boa fonte de esclarecimentos e qualidade assistencial esperada. Posto a isso, a violência obstétrica pode ser compreendida como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause morte, lesão física, sexual ou psicológica, sendo praticada sem consentimento ou entendimento das vítimas.

Nesta concepção, a educação em saúde deve ser disponibilizada em rodas de conversas, atividades desenvolvidas com grupo de gestantes, buscando promover e apresentar o real significado de violência obstétrica. É durante o pré-natal que o enfermeiro pode formar vínculos afetivos e informativos, ouvindo suas dúvidas, correlacionando informações de experiências anteriores, para que esse cenário não venha a tornar um trauma ou uma experiência negativa que não pode ser evitada, quando conhecida pode ser evitada (OLIVEIRA; ELIAS; OLIVEIRA, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se entre os estudos analisados, que os desafios apresentados no atendimento à mulher vítima de violência obstétrica, estão a realização de atos e atitudes dos profissionais de forma corriqueira e natural, cujo atitudes são baseadas em atos ofensivos que não são considerados violência, falta de preparo para identificar as atitudes e orientar as parturientes, negligencia sobre a vontade expressada pela gestante e parturiente. Assim, a violência obstétrica é manifestada e realizada a partir do uso de episotomia, manobra de Kristeller e avaliação invasiva (toque vaginal), sem o devido consentimento da paciente, o que acreditamos que as mesmas permitem por não compreender que se trata.

Analisou-se também, que o enfermeiro que atua na Atenção Básica deve instruir as gestantes não apenas para os cuidados com o ciclo gravídico-puerperal, mas orientar as mesmas sobre atos que não devem ser consentidos ou até mesmo permitido, pelos profissionais de saúde nas maternidades e hospitais de referência. Conclui-se que a violência é compreendida a partir de atos de violência verbal e física, que desrespeitam à autonomia da mulher, sendo realizada a partir de intervenções desnecessárias, que repercutiram na vida da mulher e, são perpetuadas por profissionais que deveriam ser seus principais cuidadores e combatê-las.

REFERÊNCIAS

ABREU, C.R.; QUINTILIO, M.S.V. A enfermagem e os desafios para saúde da mulher diante da violência obstétrica. **Rev Inic Cient e Ext**., v. 5, n.1, p.800-12800, 2022.

BORBA, B.D. et al. **Atuação do enfermeiro na prevenção da violência obstétrica: uma revisão integrativa**. 19f. Dissertação (Graduação em Enfermagem) -Universidade Salvador/UNIFACS, Salvador- BA, 2020.

COSTA, N.Y. et al. O pré-natal como estratégia de prevenção a violência obstétrica. **REAS/EJCH**, v.12, n.12, p.49-29, 2020.

DIAS, D.M. et al. Atuação da Enfermagem na prevenção da violência obstétrica: revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, p.577111033130, 2022.

ESCOLE, F.F.; MELO, L.S.; ALCOFORADO, C.L.G.C. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Rev. Min. Enfermagem**, Belo Horizonte, v.18, n.1, jan./mar. 2014.

KAPPAUN, A.; COSTA, M.M.M. A institucionalização do parto e suas contribuições na violência obstétrica. **Revista Paradigma**, Ribeirão Preto- SP, v. 29, n. 1, p. 71-86, jan/abr 2020.

LEAL, S.Y.P. et al. Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica. **Cogitare Enfermagem**, v.23, n.2, p.52473, 2018.

MEDEIROS, C.R.; NASCIMENTO, M.S.V. "Na hora de fazer não chorou": a violência obstétrica e suas expressões. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n.3, p.71008, 2022.

MENDES, K.D.S, SILVEIRA, R.C.C.P., GALVÃO, C.M. Uso da bibliografia gerente de referência na seleção de estudos primários em revisões integrativas. **Texto contexto – enfermagem**, v. 28, p.20170204, 2019.

MENEZES, F.R. et al. O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. **Interface**, Botucatu, v.24, p.180664, 2020.

MIRANDA, F.L.et al. Violência obstétrica: percepções de enfermeiros obstétricos em uma maternidade de Minas Gerais. **HU Rev.,** v. 45, n.4, p.415-20, 2019.

OLIVEIRA, M.S.S. et al. Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes. **ABCS Health Sci.,** v.44, n.2, p.114-119, 2019.

OLIVEIRA, M.R.R.; ELIAS, E.A.; OLIVEIRA, S.R. Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem. **Rev enfermagem**, UFPE, v.14, p.243996, 2020.

RODRIGUES, E.C.G. et al. Cuidados de enfermagem na violência obstétrica: revisão de literatura. **REAEnf,** v.23, n.1, 2023.

SILVA, I.; AGUIAR, R.S. Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica. **Revista Nursing,** v.23, n.271, p.13-50,2020.

SILVA, J.C. O. et al. Impactos da violência obstétrica no Brasil: uma revisão da literatura. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. e10812239950, 2023.

TRAJANO, A.R.; BARRETO, E.A. Violência obstétrica na visão de profissionais de saúde: a questão de gênero como definidora da assistência ao parto. o. **Interface**, Botucatu, v.25, p.200689, 2021.